

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista¹

Communication is the place of encounters and conflicts, where the discourses and the different points of view are constituted

Entrevista com JOSÉ LUIZ FIORIN*

Por Roseli Figaro**

COM LARGA EXPERIÊNCIA na área de Teoria e Análise Linguística, José Luiz Fiorin contribui principalmente com temas relacionados à enunciação. É um atento observador dos discursos da mídia. Publicou, entre outros, os livros *As astúcias da enunciação*; *Em busca do sentido: estudos discursivos*; *Introdução ao pensamento de Bakhtin*; *O regime de 1964: discurso e ideologia*; *Lições de texto: leitura e redação*. Em 2010, ministrou conferência no *Ciclo de Estudos Comunicação, Análise de Discurso e Atividade Linguageira*, atividade promovida pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, em parceria com o Programa de mestrado em Comunicação e Consumo da ESPM e com o Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho da ECA-USP. Nesta entrevista exclusiva a **MATRIZes**, Fiorin fala sobre a ciência, o poder das mídias e a internet e o que eles têm como ponto de cruzamento: o discurso, produto linguístico e social da enunciação.

* Professor doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo.

** Professora doutora na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da mesma instituição.

1. Entrevista realizada em maio de 2010.

MATRIZes: A noção de texto e discurso perpassa nossa área do conhecimento. Falamos de textos comunicacionais e discursos de comunicação. Você pode nos dar uma síntese sobre as diferenças entre texto e discurso?

Fiorin: Cada teoria que estuda o discurso e o texto estabelece uma diferença entre eles. Mas se nós fossemos tomar, de uma maneira simplificada, quais são as características que os distinguem, perpassando diferentes teorias, nós poderíamos dizer que o discurso é o resultado de uma enunciação. Entendendo-se que a enunciação é histórica, o que significa que o discurso é integralmente

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

linguístico e histórico. O discurso é uma organização de linguagem que contém uma historicidade do sentido. Em relação a isso, o texto é a manifestação, por meio de um plano de expressão, de um discurso. Então, por exemplo, se eu tenho o discurso, que é o romance *Vidas Secas*¹. Nós estamos entendendo que o discurso é como se fosse um conteúdo. Na medida em que ele é manifestado verbalmente, esse discurso se materializa por um texto, no livro, ou visualmente no filme do Nelson Pereira dos Santos². O discurso é um produto social da enunciação, produto linguístico e social da enunciação. Ele tem uma organização linguística e uma historicidade, e ele se manifesta por meio de textos.

MATRIZES: Então nós poderíamos pensar, no nosso campo, em textos comunicacionais como aquelas manifestações linguísticas que estão presentes em diversificados suportes midiáticos, e a totalidade dessas manifestações como discurso.

Fiorin: Sim, porque eu tenho que entender o discurso. Na verdade, quando eu digo que ele é social, na verdade o discurso é uma posição social. Então, é claro que estabelecer o discurso não é simples nem trivial. Eu, por exemplo, poderia dizer assim: eu tenho um discurso da esquerda, um discurso da direita... Claro que hoje, vamos dizer, isso é muito grosseiro, mas isso é um exemplo didático. Como eu posso ter um discurso religioso católico da libertação e um discurso religioso católico da salvação, e esses elementos se manifestam em diferentes seitas.

MATRIZES: Em seus artigos – e estou falando sobre um deles de que eu gosto muito “Linguagem e Interdisciplinaridade”³ – você comenta sobre os limites e as fronteiras entre a linguagem e outros domínios do conhecimento. Para você, como se dá essa relação, esse limite, entre comunicação e linguagem?

Fiorin: É interessante, porque nesse texto o que eu trato de mostrar é que as disciplinas se constituíram estabelecendo fronteiras entre elas, e depois eu vou estudar, a partir do significado dos prefixos *multi*, *pluri*, *trans* e *inter*, o que são a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade etc. A linguagem é por natureza transdisciplinar porque posso estudar, por exemplo, a mudança linguística ao longo do tempo, e a linguística combina com a história. Existe, para mim, uma coisa que não se pode fazer, que é distinguir linguagem e comunicação. Isso porque a comunicação é qualquer relação mediada por linguagem. Toda relação é mediada por linguagem, portanto, todas as relações humanas são relações de comunicação. E a comunicação é, antes de mais nada, um fazer crer, ao contrário do que previu um dia a teoria da informação, que verificava quais os ruídos da transmissão da informação, e via a comunicação como um fazer saber, como

1. Obra prima da literatura brasileira, de autoria de Graciliano Ramos, primeira edição publicada em 1938.

2. Cineasta, um dos pioneiros do movimento cinema novo brasileiro, diretor do filme *Vidas Secas*, 1963, baseado na obra homônima de Graciliano Ramos.

3. Linguagem e interdisciplinaridade. A multiformidade e a heterogeneidade da linguagem. *Revista ALEA*. Vol. 10, n. 1, jan./jun./2008.

uma transmissão de conteúdo. Portanto, mesmo quando, como professor, dou uma aula, o que eu quero é levar meus alunos a aceitarem aquilo que estou dizendo. Incomoda-me que a nossa organização acadêmica tenha separado o campo das comunicações – tudo aquilo em que a relação de comunicação é mediada por diferentes mídias como o rádio, a TV etc – das outras formas de comunicação, que são deixadas de lado como se elas pertencessem às Letras. Na minha organização de Universidade, as Letras e as Comunicações tinham que estar juntas num grande instituto de estudos da linguagem e nós teríamos que estar juntos, e não separados como estamos hoje. Existe uma fronteira entre o que é comunicação e o que é linguagem, só que essa fronteira, a meu ver, é artificial, é uma fronteira por causa da organização burocrática: distribuição de cargos, distribuição de bolsas, divisão de áreas etc. Mas com relação ao objeto mesmo, toda a comunicação implica linguagem, e toda linguagem está presente numa relação de comunicação. Vejam vocês que eu não posso nunca falar sozinho. Falar sozinho sempre foi sancionado pesadamente pelas nossas sociedades. Só loucos falam sozinho. A divisão que fizeram é uma divisão artificial. A maioria dos problemas importantes perpassa quaisquer que sejam os atos de comunicação, por exemplo, a eficácia da persuasão. Essa busca da eficácia existe na minha conversa com um amigo num boteco que me pede um determinado conselho, ou que eu quero que faça determinada coisa, bem como acontece no discurso político, mediado pela televisão ou num comício, ou numa entrevista no jornal e assim por diante.

MATRIZES: Sobre esse tema existe também outra compreensão de que a comunicação é sempre acordo, sempre compreensão. De que a comunicação, por conta do sema de tornar comum, é sempre, portanto, um chegar junto em algum lugar: um acordo. O que você pensa sobre isso?

Fiorin: Só uma sociologia que nega o conflito que perpassa a história, que nega o conflito entre as classes sociais pode conceber a comunicação como um acordo. A comunicação é tanto acordo quanto desacordo. A comunicação é conflito. É bem verdade que, para que você tenha uma comunicação, é preciso que você tenha um terreno comum sobre o qual você vai discordar. Porque, por exemplo, nós vamos debater concepções políticas, então é preciso que, em princípio, os dois aceitem que a política é alguma coisa importante, que merece ser discutida e que merecem ser discutidas as posições políticas que existem na sociedade. Se alguém disser “não, isso é porcaria”, é claro que se interrompe a comunicação. Mas a comunicação não pode ser entendida só como acordo, porque isso é redução. Eu diria o seguinte, existem duas grandes visões da sociedade: uma que a gente chamaria de visão liberal, que é a ideia do acordo

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

social e essa ideia da comunicação como acordo repousa nessa visão de sociedade. Existe uma outra visão da sociedade que é a do conflito, conflito entre classes sociais. Talvez nós devamos pensar na comunicação como tributária dessas duas visões. Há a comunicação que é negociação para um acordo, mas há também a comunicação que é conflito e ela deve ser levada em conta.

MATRIZES: Existem inclusive pensadores que acreditam que a comunicação não existe. A comunicação é todo tempo incomunicação por conta da especificidade dos sujeitos e por conta dos diferentes interesses e que o código não é capaz de levar, de fato, à comunicação. O que você pensa disso?

Fiorin: Dominique Maingueneau⁴ fala na relação de interincompreensão recíproca. No entanto, é preciso entender bem o que é isso. A interincompreensão recíproca é entre discursos, ou seja, posições sociais, formações discursivas. É evidente, por exemplo, que se eu vou aos Estados Unidos – simplifico bem as coisas para efeito didático – tenho, digamos, uma direita e uma esquerda. E aí temos um major de sobrenome árabe, nos Estados Unidos, que andou dando tiros e matando uma série de pessoas. O pessoal mais à esquerda diria que ele tem problemas psíquicos. A direita diz “não, ele é terrorista”. Ou seja, estes leram o que de um lado dizia-se problema psíquico como terrorismo. Depois, mais adiante, um indivíduo pegou um aviãozinho e jogou o aviãozinho contra um prédio da Receita Federal de um estado americano, dizendo que o governo estava invadindo demais sua vida privada. Imediatamente, os da direita disseram que ele era um defensor da liberdade individual contra a opressão do Estado, e a esquerda disse “ele é um terrorista”. Essa é uma questão de interincompreensão recíproca. É ler o que o outro diz como contrário do meu discurso. Isso se estabelece entre as posições sociais dentro dos discursos. Dentro das formações discursivas, no entanto, há um campo de entendimento. Por outro lado, imaginar essa interincompreensão como opacidade total, mas não existe essa opacidade total. Bakhtin explica como se constitui a consciência social, isto é, a consciência se constitui de discursos sociais mais as relações dialógicas entre eles. Eu posso assumir uma determinada posição, mas eu conheço o discurso do outro. Posso considerar errado o discurso do outro, mas isso permite um mínimo de comparabilidade entre as formações sociais que nos permite um mínimo de entendimento. E nós não podemos levar em conta só as incompreensões, porque isso seria aderir a uma teoria da comunicação *liberal*. Mas também eu não posso pensar que tenho um diálogo de surdo no mundo. Existe um mínimo de entendimento para que tenhamos negociações de sentidos. Por exemplo: sempre brinco dizendo que felizmente os nossos pilotos e controladores de voo não acreditam nessa história de que a incompreensão

4. Professor de Linguística na Universidade Paris XII, sua obra se desenvolve no âmbito da linguística da enunciação e da Análise do Discurso.

é total. E quando alguém diz “descer a 10 mil pés”, ele sabe exatamente o que é e desce a 10 mil pés. Então existe um terreno comum, e esse terreno comum é claro que não é o acordo geral que determinadas teorias da comunicação gostariam, mas existem acordos em esferas de circulação, dentro de formações discursivas e entre determinadas formações discursivas.

MATRIZES: Em diferentes campos do conhecimento, tanto da educação, da comunicação, da história, fala-se sobre a conveniência e a necessidade da interdisciplinaridade, da multidisciplinaridade, da pluridisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Afinal, do que se está falando? É uma coisa nova?

Fiorin: Na verdade nós estamos falando do *nada*. A última que surgiu agora foi a “indisciplinaridade”. Por mais libertário que pareça o termo indisciplinaridade, é senão a negação da disciplina. E a negação da disciplina pode dar na diluição total das coisas. Multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade nós devemos entender como sendo a mesma coisa. Multidisciplinaridade são muitas disciplinas enfocando um dado problema, por exemplo, a questão da energia. Tem a geologia, que vai estudar como eu descubro as fontes de energia não-renováveis; a agronomia vai me explicar como cultivo de forma eficiente a biomassa que vai produzir energia; depois a engenharia elétrica vai me mostrar como fazer linhas de transmissão sem perda de energia; a sociologia ou a antropologia vão estudar qual o impacto do uso de uma determinada forma de energia na sociedade. As fronteiras das disciplinas não se diluem, o problema que se quer estudar exige a visão de diferentes disciplinas. Isso é multi e é pluridisciplinaridade. Isso significa que a multidisciplinaridade, para usar um termo em latim, não é uma coisa *a quo*. Não se começa buscando a multidisciplinaridade para resolver um problema. Não. Tenho um problema e aí o ponto de chegada, o *ad quem*, exige a visão de determinadas disciplinas para ver todas as coisas. Então, não postulo a multidisciplinaridade *a priori*, diluindo as disciplinas.

A interdisciplinaridade é mais complicada, porque diz respeito à mudança nas disciplinas. Diz respeito a duas coisas. Primeiro, quando uma disciplina toma métodos, técnicas e conceitos básicos de outra disciplina e os transfere. Nesse caso, pode-se tomar o que aconteceu na psicanálise como exemplo. Lacan – e não é uma coisa nova, porque Freud já tinha tomado coisas da Linguística para estudar a Psicanálise –, resolve desmedicalizar o estudo psicanalítico, volta-se para a Linguística e a partir dos conceitos dela desenvolve teses sobre o recalque, sobre a transferência, sobre a estruturação do inconsciente como uma linguagem. Isso é interdisciplinaridade. A Antropologia estrutural também fez isso quando, a partir dos métodos da Fonologia, Lévi-Strauss estuda as estruturas elementares de parentesco.

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

Segundo, quando se combinam diferentes áreas estabelecendo novas problemáticas também temos a interdisciplinaridade. Temos, por exemplo, a geolinguística, que é o estudo da distribuição das línguas pelo espaço e o impacto que as línguas têm no espaço. Para isso, nós combinamos elementos da Geografia, da distribuição de populações etc, com elementos da Linguística. Isso é interdisciplinaridade. Portanto, interdisciplinaridade não surge todo dia como as pessoas estão querendo que surja. A interdisciplinaridade surge quando tenho problemas novos, quando estou na época das mudanças de paradigmas científicos e não se muda de paradigmas científicos todos os dias.

A transdisciplinaridade é mais complicada ainda. A transdisciplinaridade não é nem combinatória de áreas, nem transferência de conceitos. *Trans* é ir além, é quando você vai além de determinadas visões. Por exemplo, se você nega um princípio básico da ciência que é o da não-contradição. Não pode haver contradição. E estabelece uma ciência fundada na analogia, por exemplo, aí você está fazendo uma transdisciplinaridade. Porque você está fazendo uma ciência que é poética. Existe um soneto de Camões que é “amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente/ é um contentamento descontente/ é dor que desatina sem doer...” Ao longo dos dois tercetos e do primeiro quarteto, portanto, onze versos, o poema tenta definir o que é o amor. E começa “amor é fogo que arde”, visível, “sem se ver”, invisível, e ele sofre uma contradição e a contradição não serve porque a ciência sempre diz que uma definição não pode conter nela mesma a sua contradição. E Camoes termina o poema dizendo “mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo amor?”. Ou seja, ele está dizendo que o amor é o amor. Amor é a primeira palavra e a última palavra – “amor”. Amor é amor, é para ser sentido, para ser vivido, apesar da contradição. Ora, a ciência não admitia contradição. A literatura admitia, a poesia admitia. Eu podia criar o oxímoro e o paradoxo. Parece que as novas tendências da ciência tratam exatamente disso. O físico Marcelo Gleiser diz agora que nós temos que criar uma ciência imperfeita, onde nós não vamos buscar a simetria, nós vamos buscar a assimetria. Isso é transdisciplinar, porque desde o século XIII a ciência vinha buscando a simetria das coisas. Quando Kepler⁵ estabelece as leis da mecânica, ele quer mostrar um universo tão simétrico, tão perfeito matematicamente que só podia ser aceito porque ele ressoava a perfeição e a simetria divina. Kepler estava entendendo como funcionava o universo, era ainda um astrônomo, embora não muito importante, mas da antiga visão da ciência, em que se buscava as finalidades das coisas, e ele estava procurando a perfeição divina que ressoava no universo. Hoje, fala-se de uma ciência imperfeita. Então, a transdisciplinaridade é uma coisa muito nova. A transdisciplinaridade é de certa forma por em cheque

5. Johannes Kepler, astrônomo e matemático, 1571-1630.

determinados princípios que foram basilares da ciência, criando problemáticas novas com coisas que não eram admitidas como princípios científicos. Isso significa que entender as problemáticas por inter, multi e transdisciplinaridade exige, ainda hoje, um bom conhecimento das disciplinas do século XIX antes de derrubar as fronteiras delas.

MATRIZES: Às vezes as pessoas usam muito esses termos, mais como um recurso de elegância para enfeitar o discurso do que para dizer alguma coisa mesmo....

Fiorin: E o que é curioso é a pluridisciplinariedade, a interdisciplinariedade, a transdisciplinariedade e agora a indisciplinaridade virarem universais positivos. Tudo isso porque disciplinar é um universal negativo, porque afinal nós estamos no tempo das alteridades, dos descentramentos, das quebras de fronteiras, das margens, mas nunca vi na universidade tamanha incapacidade de conviver com pensamentos divergentes como estou vendo agora. Por exemplo, nas Letras, fomentou-se uma discussão se devíamos separar a área da Linguística da área de Literatura. Ora, veja bem, como é que nós podemos separá-las? Isso significa que nós vamos acabar com o curso de Letras tal como nós o conhecemos com dois grandes componentes: um que é o estudo das línguas, presidido por uma disciplina teórica de Linguística; outro, da literatura, que é presidido por uma disciplina teórica de Teoria da Literatura. Nós que sempre estivemos e estudamos juntos, agora estão dizendo que nós não podemos conviver porque temos tradições científicas muito diferentes. Isso significa que eu não posso mais conviver com a diferença, exatamente nos períodos em que a interdisciplinariedade agrega um valor positivo. Nós estamos assistindo a um estraçalhamento das redes de relações interdisciplinares que nós ainda tínhamos no interior das universidades.

Outra coisa que me incomoda: a legislação brasileira diz que você não precisa fazer pós-graduação na mesma área em que você se graduou. Os interesses vão mudando ao longo da vida e as pessoas fazem suas opções. Mas quando se começa a analisar os editais para concurso público, cada vez mais, exigem – vou falar de Letras – a graduação em Letras. Isso quando não determina qual licenciatura você precisa ter feito, mestrado em Letras e doutorado em Letras. Para que isso? Para que você está fazendo o concurso? Outro dia me disseram o seguinte: “mas se a pessoa não fez graduação em Letras, ela nunca estudou latim e daí ela não pode dar aula de linguística histórica do português”. Bom, espera um pouquinho, mas o concurso é para linguística histórica do português? Porque se estão pedindo para dar aula de discurso, não precisa ter feito latim. Bom, é para linguística histórica do português? Muito bem, se eu for da

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

banca, sou bem capaz de verificar se essa pessoa é competente para dar aula de linguística histórica do português, e vou concluir certamente que ela não é capaz. Mas isso cabe à banca. Não é preciso cercear tanto e impedir qualquer arejamento e qualquer interdisciplinaridade. Um horror. Nós estamos numa época em que a interdisciplinaridade é o valor positivo, mas a disciplinaridade é que vem ganhando lugar, cada vez mais, no dia-a-dia prático das nossas relações acadêmicas.

MATRIZES: Para nós da comunicação tem sido um campo de batalha a disputa contra a perspectiva que pretende delimitar o objeto e o tema de estudo do campo científico da comunicação ao meio de comunicação e às mídias, rejeitando tudo que não passe por aí. Por outro lado, há aqueles que resumem o campo da comunicação à semiótica. O que você pensa sobre isso?

Fiorin: Sobre a questão dos que reduzem a comunicação às mídias, já respondi quando disse que, para mim, o campo da comunicação é mais amplo. Agora sobre a redução à semiótica, é preciso dizer que há três grandes tradições semióticas: uma americana, em torno de Charles Sanders Peirce, que não é uma semiótica para análise de texto, mas é uma semiótica mais para estabelecer as bases linguísticas das ciências; e depois duas outras que foram mais de análise de texto, uma francesa e uma soviética. Hoje não se pode mais falar em soviética, pois não existe mais a URSS, mas ela se constituiu em torno da figura de Lotman e a outra em torno de Greimas. E é curioso que Greimas também era lituano, também era da mesma região. Na verdade, essa outra semiótica surge no território da antiga União Soviética, embora o Greimas tivesse se envolvido mais na França. Considero todas as teorias do discurso importantes. Cada uma delas responde a uma pergunta diferente, porque como gosto de repetir, ciência não é religião que explica tudo: de onde nós viemos, porque nós sofremos, para onde nós vamos. Não. Na ciência, cada teoria responde a uma pergunta e eu não posso exigir, não posso criticar uma teoria por não responder outra pergunta, porque essa é de outra teoria. As semióticas têm funções importantes; agora, semiótica é uma teoria dentre as muitas, você não pode tomar a semiótica como sendo “A” teoria para a comunicação, ela não pode ser descartada como alguns fazem, mas ela não pode também se transformar como “A” teoria para explicar a comunicação. Há dezenas de pontos de vista para estudar as comunicações, desde a retórica antiga, que ainda coloca para nós problemas sobre a eficácia do discurso, que são muito importantes, até a semiótica, a análise do discurso, a linguística textual, a teoria crítica do discurso; a teoria bakhtiniana; depende do que eu quero responder, a semiótica francesa, a semiótica russa (no tempo da URSS, quem falava semiótica russa era de direita, quem fosse de esquerda

falava semiótica soviética). Essas são teorias de linguagem e todas aportam contribuições para o estudo da comunicação. Porém, nenhuma delas é “A” ciência, caso contrário nós teríamos uma visão religiosa de ciência e não científica.

MATRIZES: Para tratar do protagonismo e da hegemonia dos meios de comunicação no cenário global, o sociólogo Octavio Ianni, nosso querido professor, criou a metáfora do “príncipe eletrônico”, uma clara alusão ao Príncipe, de Maquiavel, e ao Partido, em Gramsci. Como você entende a relação que se dá hoje entre mídia e sociedade, mídia e relações sociais? Enfim, a questão do poder dos meios de comunicação na sociedade.

Fiorin: Agora vocês estão me pedindo para entrar numa coisa na qual sou absolutamente leigo. Então gostaria de fazer a ressalva de que vou responder como um usuário e um atormentado com o papel das mídias. Talvez como um usuário privilegiado, mas atormentado com o papel das mídias. A primeira ideia que nós temos que afastar é uma ideia muito cara à grande mídia, que inicialmente era da grande imprensa, que é a ideia de neutralidade, imparcialidade, verdade e objetividade daquilo que é veiculado pelas mídias. E com isso vamos tirar da cabeça qualquer ideia de maldade das mídias e de conspiração das mídias. Porque se houvesse conspiração, seria muito fácil resolver o problema. O problema não é esse. É que é inerente à linguagem que, ao enunciar, o enunciador projete o ponto de vista, o lugar de onde ele fala. Portanto, tudo aquilo que é enunciado pela mídia, de certa forma, reflete – não gosto muito dessa palavra, mas digamos assim –, constitui e constitui-se o lugar de onde se fala. *Constitui-se*, porque a partir do lugar de onde eu falo, vou expor determinados pontos de vista. Mas, por outro lado, é lendo esses pontos de vista que determino o lugar que um órgão ocupa no cenário discursivo de uma sociedade.

Isso posto, vem agora o lado contrário. Muitas pessoas gostariam de um controle da mídia, chamado controle social. É curioso que vi recentemente duas reclamações do fato de que a mídia não noticiava coisas importantes que tinham feito. Uma era do Lula e a outra do José Serra. Faz dois, três meses que ambos, com poucos dias de diferença reclamaram que a mídia não noticiava. E alguém disse uma frase interessante que notícia era aquilo que as pessoas do poder não querem que seja noticiado. Aquilo que eles querem que seja noticiado não é notícia. Não vou dizer isso, mas vou pensar bakhtinianamente. A utopia bakhtiniana era da incompletude do ser humano. O espaço de liberdade na constituição da consciência é dado pelo fato de que havia tanto discurso em oposição, tanto discurso que tomava conta da minha consciência, que eu nunca tinha a verdade, a posição final. Com relação à mídia, penso que essa tem que ser a utopia. Eu não tenho que controlar nada. Eu tenho que ter mais vozes

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

nessa dialética contraditória dos universos discursivos e dos sentidos. E as pessoas vão achar o seu espaço de liberdade aí. Acreditar que as pessoas sejam manipuladas com muita facilidade é desacreditar completamente nas pessoas, desacreditar principalmente na contradição inerente ao universo discursivo. O universo discursivo não é ptolomaico, ele é galiliano, ou seja, está em perpétuo movimento e é esse perpétuo movimento que tem que presidir a questão da mídia. Não tem que controlar a mídia. É claro que mesmo os mais repugnantes pontos de vista devem ser expostos. Talvez haja um pequeno limite e Bakhtin nunca foi cego ao fato de que a circulação do discurso está submetida à ordem do poder. Ele fala em movimentos centrífugo e centrípeta, quer dizer, aquele que tende para uma centralização enunciativa. O poder gostaria disso: que sempre houvesse uma centralização enunciativa. E a força centrípeta que se manifesta principalmente pela derrisão, pelo riso, pela gozação do discurso do poder, do discurso sério. É certo que aconteceu em todos os períodos. Bakhtin estudou um caso desses no discurso da obra de François Rabelais, que ridiculariza todos os discursos da filosofia escolástica, da Igreja etc. Bom, nós não podemos negar que existem alguns poucos elementos em que pode haver uma impossibilidade. Por exemplo, hoje não poderíamos mais tolerar e não toleramos apologia à pedofilia, ao racismo, ao ódio, ao crime. Essas coisas que a nossa legislação penal proíbe. Agora, os pontos de vista políticos, religiosos, econômicos, esses sim. Temos de pensar que essa pluralidade de vozes tem que se manifestar nesse simpósio perpétuo de que falava Bakhtin, que é a única garantia de liberdade do ser humano. Não existe nenhuma centralização enunciativa, nem a do mercado, nem a do partido, nem a da igreja, que contribua com a liberdade ao ser humano. Bakhtinianamente penso que só a contradição, só a pluralidade de vozes pode dar um espaço de liberdade.

MATRIZES: Qual o papel que, hoje, têm os meios de comunicação no cenário político? Você acha que a internet muda essa relação?

Fiorin: Não sei se a internet muda a relação. Estou particularmente impressionado com o espaço das calúnias desenvolvido pela internet. Não existe a menor possibilidade de controle na internet. Mesmo os países que tentaram controlar, como China e Paquistão, verificaram sempre uma impossibilidade. Claro, você pode controlar para uma parcela da população, mas quem sabe operar direito faz um *blog* e usa outros mecanismos. Essa é a primeira eleição em que nós vamos ter a internet jogando um papel. Ela exerceu um papel muito grande na eleição do Obama, desde a coleta de contribuições até a difusão de imagens. No Brasil, não tenho ideia do que vai ser. Agora, de qualquer forma, tenho ouvido muito as pessoas acusando a grande mídia de ser contra

o governo. E eu penso que não. Na verdade, foi a grande mídia que fez com que uma pessoa absolutamente desconhecida, que não tinha disputado nenhuma eleição e que era uma novata no PT, que teve dificuldade de ser aceita até nesse partido, chegasse aos patamares em que está chegando. Porque, na verdade, não é o editorial que influencia a cabeça das pessoas, é o noticiário, é a exposição. Outro dia vi uma coisa muito gozada: fizeram uma entrevista com uma pessoa no interior de Pernambuco. Uma pessoa que não tem estudo nenhum, e perguntaram em quem ela iria votar. Ele falou “olha, vou votar na mulher do Lula”. Aí o entrevistador disse “a mulher do Lula não é candidata”. O entrevistado chamou a esposa e disse “muié, você não disse que a mulher do Lula era candidata?”. A esposa: “É”. O marido: “ele tá dizendo que não é”. Ela completa “é, ela chama Vilma”. Veja, isso significa a exposição na imprensa independentemente de muitas coisas. Ela só tem o apoio do Lula. Outra coisa que precisa ser dita é que o Lula tem uma estratégia de comunicação fantástica. A nossa imprensa no noticiário, não nos editoriais, apresenta razoavelmente os dois candidatos. Não é neutra, não é imparcial, porque isso não existe, mas apresenta, mais ou menos, o mesmo espaço para os dois candidatos.

MATRIZES: É corrente a afirmação de que as novas mídias, sobretudo a partir da internet, têm possibilitado maior protagonismo dos usuários, abrindo canais de interlocução com os meios tradicionais e possibilidade de criação e participação através das redes sociais. Como você analisa essas possibilidades, e como as teorias do discurso, sobretudo em relação ao sujeito, podem responder a essa nova demanda? Ou seja, hoje nós não temos meios de comunicação apenas com uma diretriz, só em uma direção, nós temos a possibilidade da interação.

Fiorin: Para a teoria do discurso, esse é um desafio. Na Linguística, apenas uma área estudou os textos produzidos em parceria, que foi a análise da conversação. Porque o texto conversacional é produzido em parceria. Há uma colaboração mútua. Nos outros textos, por exemplo, quando escrevo, é claro que existe uma colaboração, mas de um receptor ideal. Quero me dirigir a leigos? Então eu vou eliminar o jargão, vou escrever de tal jeito, vou explicar tal coisa, vou dar mais exemplos. Se escrevo para uma banca examinadora, por exemplo, é claro que não vou precisar dar uma nota explicativa sobre Marshall MacLuhan. Então, existe essa colaboração, mas ela é com uma imagem ideal de um público. Nós temos um desafio que é estudar as novas formas de textualização e as novas formas de discursivização, ou seja, como um sujeito se representa. Por exemplo, um *blog* de notícia. Ele não é um jornalista. O jornalista tem a caução e a garantia de uma instituição, o blogueiro não tem nenhuma. Mas é preciso ter uma garantia, porque é preciso criar um efeito de veracidade. Isso são desafios

E

Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista

novos para as teorias do discurso. A internet está criando novas maneiras de representar o sujeito, de estabelecer garantias de veracidade do discurso, de textualização colaborativa e, ao mesmo tempo, mais uma coisa importante é que, embora nós tivéssemos discursos que chamamos de “sincréticos”, que são aqueles em que aparecem com diversas linguagens ao mesmo tempo, como o cinema, que tem a linguagem verbal, a sonora não-verbal, a visual etc. Nós nunca tivemos a quantidade de textos sincréticos que temos hoje. Isso exige para nós explicações de como a totalidade de diferentes linguagens criam um determinado sentido. Mesmo os jornais são muito mais ilustrados do que eles eram. Então, esses são os desafios.

Por outro lado, a mim incomoda uma questão séria: mesmo sabendo que o discurso não é neutro, imparcial, verdadeiro do jeito que os jornalistas dizem, de todo jeito existe alguns limites das empresas de comunicação sem que elas caiam em descrédito total. Você não poderia, por exemplo, acusar uma autoridade do governo de pedofilia, por exemplo, sem que fosse com indícios muito robustos, porque isso seria cair no descrédito total. Há limites, e na internet não há nenhum. Então, como eu tenho a garantia de um limite? Nós estamos vendo, por exemplo, isso que dizem a respeito da Dilma, ou do Serra ou da Marina, seja lá de quem for. Tem coisas que são absurdas e caluniosas mesmo. Cada discurso constrói a sua garantia enunciativa e nós não sabemos como o discurso da internet vai construindo a sua. Esse é um desafio para nós, estudiosos da linguagem. Eu não sei o papel que eles terão, mas vejo desafios muito grandes. ■